

Segurança global em discussão



A ampliação da Otan para incorporar os países do Leste envolve complexos fatores

Vladimir Lukin*

O desenvolvimento de um novo sistema de segurança para a Europa deve levar em conta tanto as espetaculares mudanças produzidas nos últimos anos no panorama político e econômico mundial como o fato dos modelos da época da Guerra Fria terem se tornado obsoletos.

A questão principal é a de estabelecer o que se pode fazer concretamente para que, na atual situação, um sistema europeu de segurança seja adequado e aceitável para todos. Mas isso não é uma tarefa fácil.

O problema consiste em que, das estruturas políticas do ex-mundo bipolar só resta – e mesmo assim modificada – a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), enquanto que o Pacto de Varsóvia foi completamente desativado.

Hoje em dia, em vez do ex-“campo socialista”, temos uma Europa Oriental independente, com vagos sentimentos estratégicos. Frente a esta situação, a tragédia pela qual passa a ex-Iugoslávia nos faz pensar na necessidade de criar um sistema europeu de segurança.

Muitos países esperam conseguir sua segurança unindo-se ao programa de Associação para a Paz, patrocinado pelos Estados Unidos, mas ainda não é claro quais são suas metas finais e, portanto, seus benefícios. Esta ambigüidade, intencional ou não, deve ser esclarecida.

Se os objetivos da Associação para a Paz são os de adiar a entrada dos países da Europa Oriental na Otan e de desenhar um sistema europeu de segurança para todos, então ingressar nela seria um passo importante. Mas se sua finalidade é a de fazer com que essas nações se incorporem à Otan, então é o caso de se pensar duas vezes que conseqüências teria tal fato.

O “fator Alemanha” – A ampliação da Otan rumo ao Leste é uma opção a ser bem pensada, porque é impossível saber aonde tal coisa poderia levar... Talvez ao surgimento de uma nova linha divisória entre o Leste e o Oeste. E se isso ocorrer: onde estaria esta linha? Entre a Polônia e Ucrânia? Uma situação desse tipo preocuparia a Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.

As profundas mudanças no cenário internacional obrigam a uma reflexão sobre que sistema de segurança mais convém tanto à Europa Ocidental, quanto à Oriental, sem excluir aí a Rússia

Na Associação para a Paz há, portanto, mais perguntas do que respostas. E se o seu objetivo é promover soluções para alguns países, criando problemas para outros, ela não pode ser considerada um sistema de segurança funcional.

É necessário, conseqüentemente, pensar em soluções alternativas, que levem em conta as complexas transformações ocorridas no mundo nos últimos anos.

A reunificação da Alemanha, por exemplo, e sua presença como potência de primeira ordem são um fator crucial. Suas dificuldades atuais com as regiões oriental e ocidental do país devem ser superadas em três ou quatro anos. O “fator Alemanha” terá cada vez mais peso e será preciso considerá-lo na hora de estabelecer um válido sistema europeu de segurança.

Por outro lado, temos a existência simultânea de duas organizações militares, a Otan e a União da Europa Ocidental (UEO). Esta última organização – integrada pela Bélgica, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal e Espanha – está criando seus próprios corpos mili-

tares, algo que não agrada muito aos norte-americanos e, portanto, levanta novos problemas.

Também é preciso perguntar-se em que tipo de Europa querem ingressar os checos, os poloneses ou os húngaros e que tipo de segurança eles têm em mente.

Outra questão a ser pensada é se é possível integrar a Europa sem integrar suas Forças Armadas. A Suécia, por exemplo, quer entrar para a União Européia (UE) mas não para a Otan, o que permite pensar que é possível a integração sem incluir os exércitos.

O papel da Rússia – Uma estratégia de segurança não deve ser construída sobre ilusões, mas sobre uma análise realista do presente e do passado. A Rússia, por exemplo, não pode ter a pretensão que se transformou em um país completamente “ocidental” e que, por isso, deve ser admitida na Otan.

Para começar, é improvável que o Ocidente queira realmente admitir as nações da Europa Oriental na Otan, o que exigiria mudanças em sua própria carta constitutiva, particularmente no artigo 5, relacionado à esfera da atividade do pacto militar.

Mas tudo isso pode mudar significativamente, em função do novo quadro político criado nos Estados Unidos com a derrota democrata nas eleições de novembro. Os republicanos, maioria ago-

ra no Congresso, defendem a ampliação da Otan para incluir os países do Leste europeu, isolando a Rússia, ainda encarrada como uma ameaça, bem ao estilo do perigo comunista da velha União Soviética.

Desde o princípio, a Rússia deveria ter dito claramente que não está de acordo com o ingresso na Otan dos países da Europa do Leste, pois isso contrariaria seus interesses. Deveria também ter dito que não aprova nenhum sistema europeu de segurança no qual ela própria não participe como membro pleno.

De fato, hoje, não há razão alguma para que um sistema de segurança européia exclua a Rússia. O Kremlin não tem – e nem pode ter – ambições expansionistas, mas deve convencer disso as nações da Europa Oriental. A posição russa é clara, como se pode observar pela retirada completa das suas forças da Europa e do Báltico, e os europeus do Leste lúcidos podem constatar com seus próprios olhos que a Rússia não é uma ameaça.

Sistema de segurança viável – Porém, um esquema de transição em duas etapas seria possível. Se as nações



A queda do Muro de Berlim, em 1989, anunciou o fim de uma era

da Europa Ocidental aceitassem a idéia do estabelecimento de um sistema coletivo de segurança para a Europa do Leste que incluísse a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), a atividade de uma Otan ampliada poderia ser determinada, na primeira etapa, pela Otan e pela Conferência para a Segurança e a Cooperação Européia (CSCE) de uma parte, e pelo sistema regional de segurança da Europa do Leste, por outra.

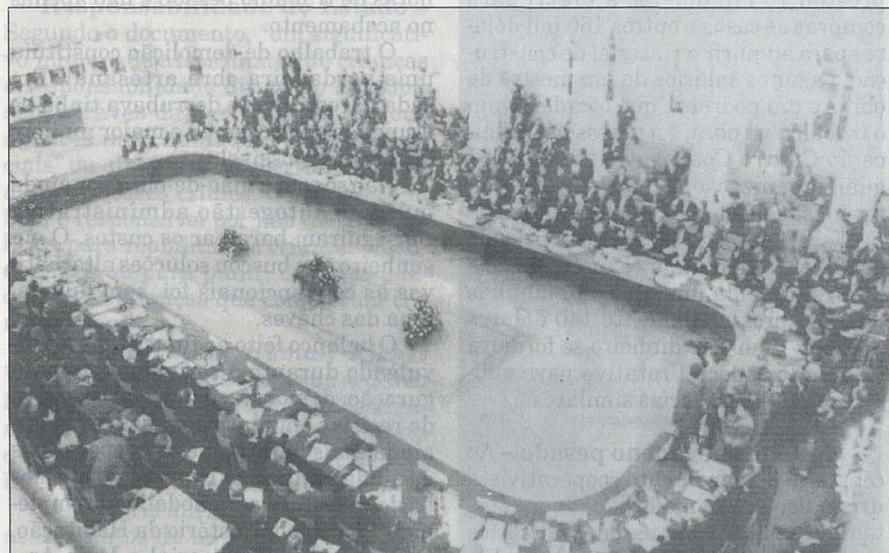
Nesse caso, a Otan e a CSCE se complementariam, porque a Otan é uma força sem mandato e a CSCE é um mandato sem força. Com a Otan ampliada, além dos problemas de segurança, seria possível coordenar relações mais amplas entre os europeus em outros campos. E, com o tempo, apareceriam novas estruturas européias de segurança.

Nesse ínterim, a Rússia deveria buscar um equilíbrio entre os dois extremos de sua habitualmente masoquista política externa, que a faz assumir, por um lado, que o país sempre deve culpar-se de algo e pedir desculpas, enquanto que, por outro, assume posições como se tivesse interesses vitais e prioridades em todas as partes.

A Rússia hoje em dia não é um estado global, mas um país bi-regional – europeu por um lado, e asiático e do Pacífico, por outro – que conta com um fator global, as armas nucleares.

Apenas levando em consideração estes complexos fatores pode ser desenhado e colocado em marcha um sistema europeu de segurança viável e adequado para todos os países da região. ■

* Vladimir Lukin é o presidente da Comissão de Assuntos Exteriores da Duma (Assembleia Legislativa) russa



Qualquer futuro sistema de segurança europeu deve incluir a presença da CSCE (foto)